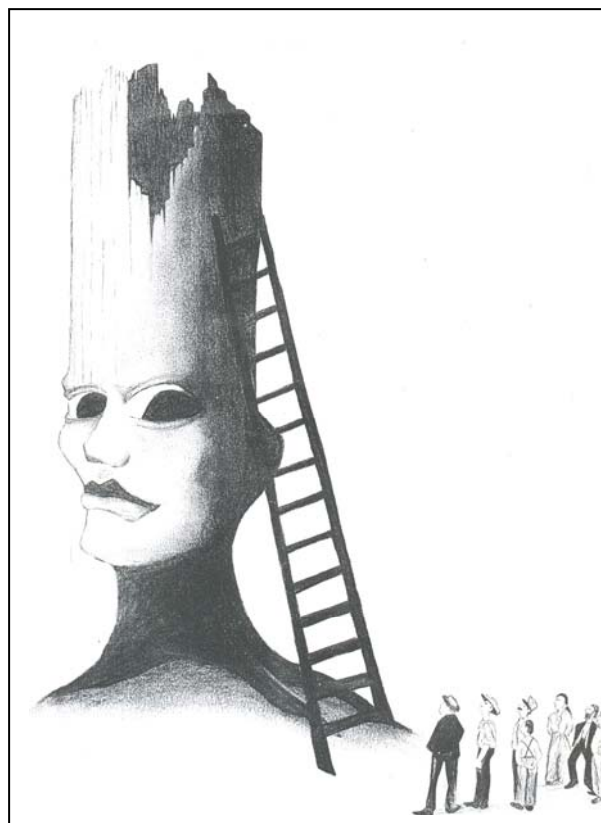


Para onde vai a Geografia e a sociedade?

Valney Dias Rigonato¹



Ruan Lúcio, 2005.

Recentemente o professor Ruy Moreira escreveu um livro muito interessante com o título “Para onde vai o pensamento geográfico?”, o qual enfatiza a importância do pensamento geográfico e suas transformações epistemológicas para compreender o espaço geográfico contemporâneo.

A Geografia enquanto ciência humana passa por vários desafios, sobretudo, os impostos pelo mercado de trabalho. Mercado este que impõe às instituições de ensino, faculdades e universidade, redefinem suas concepções de ensino, aprendizagem e conhecimento. Com isso, há a (re)definição de verbas e, portanto, de infra-estrutura para o cursos universitários valorizados pelo mercado de trabalho contemporâneo.

As instituições de ensino e pesquisa de Geografia produzida no território Goiano e, concomitantemente, no Brasil tiveram nos últimos anos do século XX um crescimento substancial. Houve, sobretudo nas três últimas décadas do século XX, a criação de cursos, de laboratórios, de grupos de estudos, de encontros e de novos mercados editoriais. Além disso, ampliou-se o número de escolas (públicas e privadas) e de instituições de pesquisa as quais necessitam do profissional em Geografia.

Há, portanto, ampliação do mercado de trabalho. O profissional de Geografia pode atuar como: professor, planejador regional, urbano e rural, IBGE como

¹ Licenciado e Mestre em Geografia. Professor Universitário de Geografia e Membro da AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros) - Seção Goiânia-GO e do NEPEG Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica.

pesquisador censitário, agente ambiental, gestor de trânsito, geoprocessamento, geomarketing, agrimensur e, etc. No entanto, há vários mercados de trabalhos novos os quais estamos omissos. Para Demetrio Magnoli (2006) “a Geografia teria algo a dizer (atuar). No entanto ela está quieta”.

Há necessidade de tomar decisões e ocupar conscientemente as fretas da “clareza” desse novo mercado de trabalho. A Geografia poderia, ou melhor, os profissionais em Geografia deveriam ter uma voz clara e atuante sobre temas como os “problemas da globalização, da geopolítica, da energia, do sistema internacional de Estados, todos os problemas decorrentes da economia em rede, da economia da informação, do discurso racial que parece com finalidade política.” (Magnoli, 2006). No entanto, parece-me que a maioria dos profissionais em Geografia estão amordaçados pelo mercado de trabalho, isto é, se especializaram.

A meu ver, precisamos tomar algumas decisões. É preciso discutir a totalidade dos fenômenos geográficos. Para isso, a “Geografia Escolar” necessita urgentemente de reformas educacionais. A escola precisa, no mínimo formar conceitos e contribuir para o exercício da cidadania. É inadmissível o educando terminar o Ensino Básico sem saber o objeto de estudo da Geografia e que a mesma procura compreender a espacialidade dos fenômenos do mundo contemporâneo. No ensino superior precisamos ultrapassar a formação conceitual para alcançar uma formação ampla sobre a ciência e o mundo. Além disso, precisamos atuar de forma consciente nas diversas instâncias do mercado de trabalho contemporâneo. A nossa participação precisa transcender este mercado.

Em síntese, a Geografia é uma ciência que está habilitada a discutir a complexidade do espaço geográfico informatizado e contemporâneo. Mas, cabe a nós profissionais desta ciência navegarmos pelos diversos meandros do mercado de trabalho deste século XXI. Dessa forma, tanto o geógrafo-educador como os colegas de trabalho – professores-educadores, arquitetos, economistas, engenheiros, médicos, advogados, urbanistas, historiadores, antropólogos e, etc.- precisam transcender o mercado de trabalho para (re)pensar a nossa conduta devastadora na superfície terrestre.

Afinal, essa proposta pode parecer utópica para alguns. Mas, nenhuma utopia é insuperável e fixa para aqueles profissionais que “alternadamente pensa e sonha” (Bachelard, 1991)², isto é, almejam trilhar os andaimes teórico-metodológicos por uma sociedade com maior equidade social e, portanto, por um espaço geográfico mais

² BACHELARD. G. O direito de sonhar. Rio de Janeiro: Editora Bertand do Brasil, 1991.

humanitário, no qual os profissionais supracitados se desvencilhem do estado de observadores à profissionais-reflexivos.